

Joaquim de Carvalho

Emanuele Landi ©



Este PDF é distribuído de forma aberta e gratuita.

Como Citar: Landi, Emanuele. “Joaquim de Carvalho”,
PERSONALIA.IEF (2020), 1-48.

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Instituto de Estudos Filosóficos,
U.I.&D.
Com o apoio da FCT

Personalia.IEF
2020

iestudosfilosoficos@gmail.com
personalia.ief@gmail.com

JOAQUIM DE CARVALHO
(1892-1958)

EMANUELE LANDI¹

BIOGRAFIA

Joaquim de Carvalho nasceu, em 10 de junho de 1892, na Figueira da Foz. Acabado o ensino secundário no Collegio Lyceu Figueirense, na mesma cidade onde nasceu (1906)², inscreveu-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC) em 10 de outubro de 1909. No entanto, apenas dois anos após matricular-se em Direito, inscreveu-se também na Faculdade de Letras da mesma Universidade (FLUC), fundada naquela mesma altura (1911) na cidade

1 Endereço eletrónico: emanuele-landi@virgilio.it.

2 Sobre a importância desta escola na formação de Joaquim de Carvalho, Cf. Paulo Archer de Carvalho. “A escola nova que Joaquim de Carvalho frequentou: o Collegio Lyceu Figueirense (1902-1911)”, LITORAIS. REVISTA DE ESTUDOS FIGUEIRENSES, 9 (2008), 7-11.

de Coimbra³. Portanto, até ao dia 13 de outubro de 1914, ou seja, até a data do seu bacharelato em Direito, Joaquim de Carvalho seguiu os dois cursos paralelamente. Em 19 de outubro de 1916 alcançou o bacharelato em Filosofia, e logo depois iniciou o doutoramento em Filosofia sob a supervisão de Alves dos Santos (1866-1924), este que foi o primeiro professor de Filosofia na FLUC. Concluiu o doutoramento em 14 de janeiro de 1917 com uma dissertação sobre António de Gouveia e Pedro Ramo, que consagrou definitivamente o percurso académico⁴. Mas ainda antes de acabar o doutoramento, Alves dos Santos e Joaquim Mendes dos Remédios (1867-1932) patrocinaram-lhe a docência de algumas cadeiras na FLUC⁵. De facto,

- 3 A data da matrícula no curso de Filosofia é o dia 15 de novembro 1911. No entanto, até aos primeiros anos da década de 50 do século XX, não existia em Coimbra um Instituto de Filosofia propriamente dito. De facto, o curso de Filosofia encontra-se ‘misturado’ com o Instituto de Psicologia Experimental. Sobre este assunto, Cf. Mário Santiago de Carvalho. “De um tom de modéstia a adoptar para já em filosofia. Sobre os cem anos de filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra”, *REVISTA FILOSÓFICA DE COIMBRA*, 20 (2011), 455-46.
- 4 Cf. Joaquim de Carvalho. “António de Gouveia e aristotelismo da renascença. António de Gouveia e Pedro Ramo”, in: Joaquim de Carvalho. *OBRA COMPLETA. FILOSOFIA E HISTÓRIA DA FILOSOFIA (1916-1934)*. Vol. I (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978), 1-116.
- 5 Cf. a secção dedicada à docência de filosofia na FLUC, neste mesmo trabalho.

Carvalho desenvolveu esta função como ‘Assistente Provisório’ até 5 de novembro de 1919, dia em que se tornou ‘Professor Ordinário’. Entre 1921 e 1935 Carvalho colaborou em diversas tarefas académicas: foi professor na Escola Normal Superior de Coimbra (1921-1930)⁶, secretário da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1921-1930), Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra (1921-1935), Diretor do Instituto de Filosofia (1926); membro da Comissão de Reforma do Ensino Secundário (1928), Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1926-1927), e Bibliotecário da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1934-1935)⁷.

O papel internacional desempenhado por Carvalho não deixa de ser relevante na sua formação e nos seus estudos. Em 1930 Joaquim de Carvalho

6 Em 21 de maio 1911, um decreto Estatal com força de lei criou as Escolas Normais Superiores de Coimbra e Lisboa. Estas Escolas nasceram ao lado das respetivas Faculdades de Letras de Lisboa e Coimbra com a finalidade de formar e habilitar professores para o ensino secundário, primário e liceal. Carvalho foi também secretário da Escola Normal Superior em 1924 e seu bibliotecário em 1929.

7 Cf. Manuel Augusto de Rodrigues et al. MEMORIA PROFESSORUM UNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS. Coimbra: Arquivo da Universidade, 1992. Cf. também a FOTOBIOGRAFIA E O ACERVO DOCUMENTAL de Joaquim de Carvalho in: <http://www.joaquimdecarvalho.org>.

participou nos Congressos Internacionais de Filosofia na prestigiosa Universidade de Oxford⁸. Para não bastar, a sua grande paixão pelo filósofo judeu-holandês de descendência portuguesa, Bento de Espinosa⁹, levou-o a participar ativamente em alguns congressos internacionais sobre o grande filósofo, como no caso dos Congressos Espinosanos em Haia, tanto em 1917 como em 1934.

Esta vastíssima e precoce carreira e envolvimento institucionais podem ser aproximados a uma tendência existencial que o mesmo Carvalho evocou para caracterizar as suas atitudes filosófica e profissional; e, com isso, o seu percurso académico:

- 8 Sobre a euforia que ele experimentou ao andar nesta cidade universitária, tão importante na história da filosofia como na história cultural europeia num sentido mais lato, cf. Barahona Fernandes. “Joaquim de Carvalho: pessoa e atitude espiritual”, *MISCELÂNEA DE ESTUDOS A JOAQUIM DE CARVALHO* 9 (1962), 1-35.
- 9 Para a explicação da razão pela qual Carvalho prefere referir-se a Espinosa com o nome de ‘Bento’ e não, por exemplo, com o nome de ‘Baruch’ (forma hebraica) ou de Benedictus (forma latina), cf. Joaquim de Carvalho. “Introdução à Ética de Espinosa”, in: Joaquim de Carvalho. *OBRA COMPLETA. FILOSOFIA E HISTÓRIA DA FILOSOFIA* (1939-1955). Vol. II (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978), 223-300.

“Decorreu-me a escolaridade entre duas tendências: uma, impulsiva, que me arrastou ao mais ardente jacobinismo; outra, contemplativa, pela qual me isolava no meu quarto trabalhando delirantemente. Venceu afinal, esta última, não sei se por mais forte, se pelas dolorosas desilusões da realidade, embora aquela se não pagasse ainda.”¹⁰

Estas palavras foram escritas em resposta a um decreto ministerial promovido por Leonardo Coimbra (1883-1936) em 1919, Ministro da Instrução – pela primeira vez, na altura – que procurava transferir a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra para o Porto. Nas letras do decreto encontram-se as motivações que levaram o Ministro a promover esta transferência. Entre muitas, vamos aqui lembrar apenas duas: por um lado, apontavam-se as poucas possibilidades que a cidade de Coimbra podia garantir aos alunos relativamente a uma cidade como o Porto;

10 Joaquim de Carvalho. A MINHA RESPOSTA AO ÚLTIMO CONSIDERANDO AO DECRETO QUE DESANEXO A FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (Coimbra: Tipografia França Amado, 1919), 5. Neste pequeno texto, encontra-se também publicado um extrato do decreto n.º 5:770.

por outro lado, contestava-se a maneira como se ensinava Filosofia em Coimbra, acusando-a de orientar os estudantes no sentido de uma “erudição livresca” que se manifestava “na filosofia revelada nas obras dos alunos laureados” e na “quási completa orientação tomista de forma escolástica”¹¹. À volta deste decreto – que afinal nunca foi aplicado – criou-se um forte grupo de oposição composto pelos professores da Faculdade de Letras e de Medicina da Universidade de Coimbra, em que Carvalho foi um dos mais ativos e envolvidos participantes.

Vamos agora concluir esta biografia com as palavras que Joaquim de Carvalho proferiu em resposta a quem desejava uma Universidade como “organismo político”, lembrando, ao invés, a importância de manter a “liberdade” e a “independência” no seio de uma instituição como a Universidade:

11 Carvalho, A MINHA RESPOSTA, 17-18.

“Converter as Universidades em organismos políticos, no correntio e jornalístico sentido da palavra, sobre ser uma monstruosidade pedagógica, é um crime nacional e um atentado à razão. Sob essa aparência calma de convergência de opiniões esconder-se-á o cancro que corroerá a cultura. Que a República se defenda, é justo; mas quando essa defesa vicia a atmosfera serena da cultura, estrangulando ou cilindrando o espírito, que é independência e liberdade, é abominável, tanto ou mais que roubar a vida.”¹²

DOCÊNCIA DE FILOSOFIA NA FLUC

Os primeiros cursos que Joaquim de Carvalho lecionou na altura do seu doutoramento foram: História da Filosofia Antiga (1916-1917), Moral (1916-1917) e História da Filosofia Moderna (1916-1919). Em 1917, depois ter conseguido o doutoramento, lecionou também História Geral da Civilização (1917-1919) e História da Filosofia Medieval (1917-1919). Em 1919 foi

12 Joaquim de Carvalho, “A minha resposta ao último considerando ao decreto que desanexou a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra”, in: Joaquim de Carvalho, OBRA COMPLETA. ESCRITOS SOBRE A UNIVERSIDADE DE COIMBRA (1919-1942). Vol. VII, (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978), 10.

promovido de ‘Assistente Provisório’ para ‘Professor Ordinário’. Assumida a nova posição académica, nos anos seguintes ensinou: História da Filosofia Medieval (1919-1929), História Geral da Civilização (1919-1923), Lógica e Moral (1919-1931), História da Filosofia Antiga (1923-1942), História da Educação (1930-1935), Organização e Administração Escolar (1931-1935) e, finalmente, Lógica e Metodologia (1931-1936). Como professor da Escola Normal Superior lecionou: História da Pedagogia (1920-1930), Moral e Instrução Cívica Superior (1925-1926, 1928-1929). Em 1936 adquiriu o estatuto de ‘Professor Catedrático’, função que desempenhou até ao seu falecimento. As cadeiras que lecionou nesta altura foram: Teoria do Conhecimento (1936-1938), Lógica e Metodologia (1936-1941), História da Educação (1936-1958), História da Filosofia em Portugal (1937-1958) e Moral (1942-1958).

No entanto, Carvalho, além das numerosas cadeiras lecionadas, além dos vários cargos institucionais e administrativos desempenhados na Universidade de Coimbra, escreveu numerosos textos e artigos de notável profundidade e calibre ainda hoje

importantíssimos para a comunidade científica. Portanto, na próxima secção, procuraremos mostrar este mastodôntico e imponente trabalho com uma lista detalhada das obras escritas por Carvalho.

BIBLIOGRAFIA

Vamos apresentar aqui uma lista completa das obras e publicações de Joaquim de Carvalho ao longo da sua carreira. A quantidade consistente de trabalho produzido por Joaquim de Carvalho desde 1916 obriga-nos a adotar um critério cronológico, dividindo apenas a sua obra por macro temas, o que significa seguir, nesse aspeto, os mesmos critérios adotados na publicação da OBRA COMPLETA de Joaquim de Carvalho pela Fundação Calouste Gulbenkian. A intenção é fornecer, num só lugar, uma vitrina da vasta produção de Carvalho, na convicção de que será útil para quem vier a desenvolver estudos sobre este grande filósofo.

Cada um dos macro temas desta bibliografia será ordenado por ordem cronológica e da seguinte maneira:

autor, título, lugar: editora e ano (livros); autor, título, in revista/livro, e ano (artigo, secções de livros, prefácios, etc.).

1. ESCRITOS SOBRE A FILOSOFIA E A HISTÓRIA DA FILOSOFIA:

Carvalho, Joaquim de. ANTÓNIO DE GOUVEIA E ARISTOTELISMO DA RENASCENÇA. ANTÓNIO DE GOUVEIA E PEDRO RAMO. Coimbra: F. França Amado, 1916.

Carvalho, Joaquim de. “A teoria de verdade e do erro nas DISPUTATIONES METAPHYSICAE de Francisco Suárez”, in REVISTA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, VI, 1917.

Carvalho, Joaquim de. LEÃO HEBREU, FILÓSOFO. PARA A HISTÓRIA DO PLATONISMO NO RENASCIMENTO. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918.

Carvalho, Joaquim de. “Estudos sobre a leituras filosóficas de Camões”, in LUSITÂNIA, V-VI, 1925.

Carvalho, Joaquim de. “Desenvolvimento da Filosofia em Portugal durante a Idade Média”, in O INSTITUTO, 75 (1), 1927.

Landi, Emanuele. “Joaquim de Carvalho”, *PERSONALIA.IEF* (2020), 1-48

Carvalho, Joaquim de. “Discurso de Recepção do Filósofo Alemão Conde de Keyserling na Academia das Ciências de Lisboa”, in *BOLETIM DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA*, II, 1930.

Carvalho, Joaquim de. “Sobre o Lugar de Origem dos Antepassados de Baruch de Espinosa”, in *REVISTA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA*, XI, 1930.

Carvalho, Joaquim de. “Montaigne na História da Filosofia”, in *BOLETIM DO INSTITUTO DE ESTUDOS FRANCESES*, IV (3-4), 1932.

Carvalho, Joaquim de. “Antero de Quental e a Filosofia de Eduardo de Hartmann”, in *MEMORIAM DE DELFIM GUIMARÃES*, 1934.

Carvalho, Joaquim de. “Descartes e a Cultura Filosófica Portuguesa”, in *MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. CLASSE DE CIÊNCIAS. (CONTINUAÇÃO DAS COLEÇÕES DE TRABALHOS QUE INTERESSAM À PRIMEIRA CLASSE) TOMO II*, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1939.

Carvalho, Joaquim de. *ORÓBIO DE CASTRO E O ESPINOSISMO*. Lisboa: Seara Nova, 1940.

Carvalho, Joaquim de. “Sobre a Origem da Concepção da Inconsciência de Deus em Antero de Quental”, in REVISTA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 1944.

Carvalho, Joaquim de. “Evolução da Historiografia Filosófica em Portugal até fins do Séc. XIX”, in BIBLOS, 1, 1947.

Carvalho, Joaquim de. “Introdução ao FÉDON de Platão”, in BIBLIOTECA FILOSÓFICA, 1947.

Carvalho, Joaquim de. “Gomes de Lisboa e o Averroísta Nicoletto Vernia”, in MISCELÂNEA DE ESTUDOS À MEMÓRIA DE CLÁUDIO BASTO, 1949.

Carvalho, Joaquim de. “Introdução à ÉTICA de Espinosa”, in BIBLIOTECA FILOSÓFICA, 1950.

Carvalho, Joaquim de. “Introdução ao ENSAIO FILOSÓFICO SOBRE O ENTENDIMENTO HUMANO de John Locke”, in BIBLIOTECA FILOSÓFICA, 1950.

Carvalho, Joaquim de. “Saber e Filosofar”, in REVISTA FILOSÓFICA, 1, 1951.

Landi, Emanuele. “Joaquim de Carvalho”, *PERSONALIA.IEF* (2020), 1-48

Carvalho, Joaquim de. “Introdução à METAFÍSICA de Aristóteles”, in *Biblioteca Filosófica*, 1951.

Carvalho, Joaquim de. “Nas Comemorações do Quarto Centenário do Nascimento de Francisco Sanches”, in *REVISTA FILOSÓFICA*, 1951.

Carvalho, Joaquim de. “Hegel e o Conceito da História da Filosofia”, in *COLECÇÃO STUDIUM*, 1952.

Carvalho, Joaquim de. “Introdução à FILOSOFIA COMO CIÊNCIA DE RIGOR de Husserl”, in *BIBLIOTECA FILOSÓFICA*, 1952.

Carvalho, Joaquim de. *OS OPERA PHILOSOPHICA DE FRANCISCO SANCHES*, Coimbra: Edição da Biblioteca da Universidade de Coimbra, 1955.

2. ESCRITOS SOBRE A HISTÓRIA DA CULTURA:

CARVALHO, JOAQUIM DE. DISCOURS PATHÉTIQUE DO CAVALEIRO DE OLIVEIRA – NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1922.

Carvalho, Joaquim de. “Frei Heitor Pinto e Fr. Luís de León”, in LUSITÂNIA, 1926.

Carvalho, Joaquim de. “Uma Epístola de Nicolau Clenardo a Fernando Colombo”, in O INSTITUTO, 73 (2), 1926.

Carvalho, Joaquim de. “Dois inéditos de Abraham Zacuto”, in REVISTA DE ESTUDOS HEBRAICOS, I, 1927.

Carvalho, Joaquim de. “A Livraria de um Letrados do Século XVI – Fr. Diogo de Murça”, in BOLETIM DA BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 1927.

Carvalho, Joaquim de. “Uma Epístola de Isaac Abarbanel”, in REVISTA DE ESTUDOS HEBRAICOS, I, 1928.

Carvalho, Joaquim de. “Instituições de Cultura – Período Medieval”, in HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, I, 1929.

Carvalho, Joaquim de. “Instituições de Cultura – Período Medieval”, in HISTÓRIA DE PORTUGAL, II, 1929.

Carvalho, Joaquim de. “Sobre o Humanismo Português na época da Renascença”, in HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, Vol. I, Lisboa, 1929.

Carvalho, Joaquim de. “Instituições de Cultura – Período Medieval”, in HISTÓRIA DE PORTUGAL, IV, 1932.

Carvalho, Joaquim de. “Cultura Filosófica e Científica – Período Medieval”, in HISTÓRIA DE PORTUGAL, IV, 1932.

Carvalho, Joaquim de. “Instituições de Cultura – Período Medieval”, in HISTÓRIA DE PORTUGAL, V, 1933.

Carvalho, Joaquim de. “A Actividade Científica da universidade de Coimbra na Renascença”, in A BIBLIOTECA DA FACULDADE DE MEDICINA DE COIMBRA, III, 1937.

Carvalho, Joaquim de. “Os Descobrimentos e a Acção Colonizadora dos Portugueses como Factor do Progresso Científico e da Civilização”, in HISTÓRIA DA EXPANSÃO PORTUGUESA NO MUNDO, III, 1938.

Carvalho, Joaquim de. “Influência dos Descobrimentos e da Colonização na Morfologia da Ciência Portuguesa do Século XVI”, in CONGRESSO DO MUNDO PORTUGUÊS, V, 1940.

Carvalho, Joaquim de. “O Pensamento Português da Idade Média e do Renascimento”, in REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA, 1-2 (IX), 1943.

Carvalho, Joaquim de. “O Livro Contra os Juízos dos Astrólogos de Frei António de Beja e as suas Fontes Italianas”, in BOLETIM DA BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, XVI, 1943.

Carvalho, Joaquim de. GALILEU E A CULTURA PORTUGUESA SUA CONTEMPORÂNEA. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 1944.¹³

¹³ Discurso proferido na sessão comemorativa do terceiro centenário da morte de Galileu, realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Landi, Emanuele. “Joaquim de Carvalho”, *PERSONALIA.IEF* (2020), 1-48

Carvalho, Joaquim de. “A Escola Capitular de Guimarães e a Legacia do Cardeal João de Abavila”, in *REVISTA DE GUIMARÃES*, 3-4, 1945.

Carvalho, Joaquim de. “A Cultura Castreja. Sua Interpretação Sociológica”, in *OCIDENTE*, 1946.

Carvalho, Joaquim de. “Teófilo Braga”, in *PERSPECTIVA DA LITERATURA PORTUGUESA DO SÉCULO XIX*, II, 1948.

Carvalho, Joaquim de. “Monumentos de Cultura e da Arte Tipográfica Portuguesa do Século XVI Existentes na Biblioteca de D. Manuel II”, in *CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO NO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO*, 1948.

Carvalho, Joaquim de. “Os Sermões de Gil Vicente e a Arte de Pregar”, in *OCIDENTE*, Lisboa, 1948.

Carvalho, Joaquim de. “A propósito da atribuição do SECRETO DE LOS SECRETOS DE ASTROLOGIA ao Infante D. Henrique”, in *ESTUDOS SOBRE A CULTURA PORTUGUESA DO SÉCULO XV*, Vol. I, 1949.

Carvalho, Joaquim de. “Sobre a Erudição de Gomes Eanes de Zurara”, in BIBLOS, Vol. XXV, 1949.

Carvalho, Joaquim de. “Sobre a Autenticidade dos Sermões de Fr. João Xira”, in ESTUDOS SOBRE A CULTURA PORTUGUESA DO SÉCULO XV, 1949.

Carvalho, Joaquim de. “Leibniz e a Cultura Portuguesa”, in MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, Classe de Letras, Tomo V, 1949.

Carvalho, Joaquim de. “Manuel Fernandes Tomás, jurisconsulto”, in REVISTA DE GUIMARÃES, LIX, 1949.

Carvalho, Joaquim de. LIVRO DE D. MANUEL II – MANUSCRITOS, INCUNÁBULOS, EDIÇÕES QUINHENTISTAS, CAMONIANA E ESTUDOS DE CONSULTA, SELECIONADOS E APRESENTADOS POR J. DE C. Coimbra: Atlântida, 1950.

Carvalho, Joaquim de. “Morte e Imanência no Pensamento de Antero de Quental”, in REVISTA FILOSÓFICA, 1954.

3. ESCRITOS SOBRE A HISTÓRIA E A CRÍTICA LITERÁRIAS:

Carvalho, Joaquim de. “Uriel da Costa”, in LUSITÂNIA, Vol. III, 1925.

Carvalho, Joaquim de. “Uriel da Costa”, in LUSITÂNIA, Vol. III, 1925.

Carvalho, Joaquim de. “D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos”, in BIBLOS, Vol. I, 1925.

Carvalho, Joaquim de. “In Memoriam de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos”, in O INSTITUTO, Vol. 73, 1926.

Carvalho, Joaquim de. “In Memoriam do Dr. Luciano Pereira da Silva, in Delfim Guimarães, ARQUIVO LITERÁRIO, Vol. IV, 1927.

Carvalho, Joaquim de. “Prefácio”, in GEOGRAFIA LITERÁRIA, DE JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

Carvalho, Joaquim de. “Prefácio”, in OS VENCIDOS DA VIDA, DE MANUEL DA SILVA GAIO, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

Carvalho, Joaquim de. “Carlos Eugénio Correia da Silva”, in VITA BREVIS, 1934.

Carvalho, Joaquim de. “Antero de Quental”, in ACADÉMICO FIGUEIRENSE, 1935.

Carvalho, Joaquim de. “Inspiração vitalista e universalista dos temas poéticos”, in: JOÃO DE BARROS. ENSAIO LITERÁRIO E BIBLIOGRÁFICO, de Carlos Sombrio. Figueira da Foz: Tipografia popular, 1936.

Carvalho, Joaquim de. “Camões e a Consciência Nacional”, in BIBLOS, Vol. XV, Tomo I, 1939.

Carvalho, Joaquim de. “Homenagem a Eugénio de Castro”, in BIBLOS, Vol. XV, 1939.

Carvalho, Joaquim de. “Frei Heitor Pinto, Frei Amador Arrais, Frei Tomé de Jesus”, in HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, Vol. III, s.d.

Carvalho, Joaquim de. “Santo Antero”, in BIBLOS, Vol. XVIII, 1942.

Carvalho, Joaquim de. “Homenagem a Luciano Cordeiro”, in BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA, 62 (9-10), 1944.

Carvalho, Joaquim de. “*In Memoria* de Eugénio de Castro”, in BIBLOS, Vol. XXII, 1946.

Carvalho, Joaquim de. “Agostinho de Campos e Vergílio Correia”, in BIBLOS, Vol. IX, 1946.

Carvalho, Joaquim de. “Vergílio Correio”, in Vergílio Correio, OBRAS, Vol. I, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1946.

Carvalho, Joaquim de. “Prefácio das CARTAS INÉDITAS DE ANTERO DE QUENTAL A OLIVEIRA MARTINS”, in ESTUDOS SOBRE A CULTURA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI, Vol. II, 1948.

Carvalho, Joaquim de. “Prefácio da segunda edição de RAIOS DE EXTINTA LUZ”, in ESTUDOS SOBRE A CULTURA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI, Vol. II, 1948.

Carvalho, Joaquim de. “Problemática da Saúde”, in XIII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS, Tomo VII, Porto: Imprensa Portuguesa, 1951.

Carvalho, Joaquim de. “As ciências e a sabedoria”, in REVISTA FILOSÓFICA, 1951.

Carvalho, Joaquim de. “Elementos constitutivos da consciência saudosa”, in REVISTA FILOSÓFICA, 4, abril 1952.

Carvalho, Joaquim de. “IN MEMORIA de Teixeira de Pascoais (1878-1952)”, in REVISTA FILOSÓFICA, 1952.

Carvalho, Joaquim de. “Compleição do patriotismo português”, in DISCURSO PROFERIDO NO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA, DO RIO DE JANEIRO, NA SESSÃO DE 10 DE JUNHO DE 1953, COMEMORATIVA DO «DIA E CAMÕES», Coimbra: Atlântida, 1953.

Carvalho, Joaquim de. “In memoriam de Egas Moniz (1874-1955)”, in REVISTA FILOSÓFICA, 1955.

Carvalho, Joaquim de. “São Paulo e o Brasil que se constrói”, in O INSTITUTO, Vol. 117, 1955.

Carvalho, Joaquim de. “Teixeira de Pascoais e Miguel Unamuno no seu epistolário”, in EPISTOLÁRIO IBÉRICO – CARTAS DE PASCOAIS E UNAMUNO, Lisboa: Edição da Câmara Municipal de Nova Lisboa, 1957.

Carvalho, Joaquim de. “No centenário de Augusto Comte”, in REVISTA FILOSÓFICA, 1957.

Carvalho, Joaquim de. “Ricardo Jorge na historiográfica cultural portuguesa”, in OCIDENTE, Vol. LIV, 1958.

Carvalho, Joaquim de. “Limites do ensaísmo”, in Eugénio Ferreira, INTERCOLÚNIO, Luanda: s. n., 1958.

Carvalho, Joaquim de. “Reflexões sobre Teixeira de Pascoais”, in ARQUIVOS DO CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS, Vol. IX, 1975 (póstumo).

4. ESCRITOS SOBRE A HISTÓRIA DA CIÊNCIA:

Carvalho, Joaquim de. “O ideal moderno da ciência”, in DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO INAUGURAL DO INSTITUTO DE ALTOS ESTUDOS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932.

Carvalho, Joaquim de. NEWTON E O IDEAL DA CIÊNCIA MODERNA, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932.

Carvalho, Joaquim de. “Jacob de Castro Sarmiento et l'introduction des conceptions de Newton em Portugal”, in ACTES, CONFÉRENCES ET COMMUNICATIONS DU III^a CONGRÈS INTERNATIONAL D'HISTOIRE DES SCIENCES, Lisboa: [s. n.], 1936.

Carvalho, Joaquim de. “Anotações ao Tratado da Sphera” in Pedro Nunes, OBRAS, Vol. I, Lisboa: Imprensa Nacional, 1940.

Carvalho, Joaquim de. “Anotações ao Astronomici Introductorii de Spæra Epitome”, in Pedro Nunes, OBRAS, Vol. I, Lisboa: Imprensa Nacional, 1940.

Carvalho, Joaquim de. “Anotações ao De Crepusculis”, in Pedro Nunes, OBRAS, Vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional, 1943.

Carvalho, Joaquim de. “Anotações ao De Crepusculis de Allacen”, in Pedro Nunes, OBRAS, Vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional, 1943.

Carvalho, Joaquim de. “Sobre a origem do nónio”, in ESTUDOS SOBRE A CULTURA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI, Vol. I, 1947.

Carvalho, Joaquim de. “Pedro Nunes mestre do Cardeal-Infante D. Henrique”, in A CIDADE DE ÉVORA, Vol. VII, 1950.

Carvalho, Joaquim de. “Anotações ao De erratis Orontii Fiaei”, in Pedro Nunes, OBRAS, Vol. III, Lisboa: Imprensa Nacional, 1960.

Carvalho, Joaquim de. “Estado actual do conhecimento da correspondência científica dirigida a João Jacinto de Magalhães”, in REVISTA FILOSÓFICA, 1951.

Carvalho, Joaquim de. “Correspondência científica dirigida a João Jacinto de Magalhães”, in *CORRESPONDÊNCIA CIENTÍFICA DIRIGIDA A JOÃO JACINTO DE MAGALHÃES (1769-1789). CONTRIBUIÇÃO PARA O SEU EPISTOLÁRIO*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1952.

Carvalho, Joaquim de. “Defensão do Tratado da rumação do globo para a arte de navegar, Obra desconhecida e inédita de Pedro Nunes” in *COLEÇÃO INEDITA AC REDIVIVA*, Vol. IV, 1952.

Carvalho, Joaquim de. “Anotações histórico-bibliográficas ao Libro de Algebra em Arithmetica y Geometrica”, in Pedro Nunes, *OBRAS*, Vol. IV, Lisboa: Imprensa Nacional, 1953.

5. ESCRITOS SOBRE A HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES:

Carvalho, Joaquim de. “Formação da ideologia republicana (1820-1880), in Luís de Montalvor, *HISTÓRIA DO REGÍMEN REPUBLICANO EM PORTUGAL*, Vol. I, Lisboa: Imprensa Nacional, 1930.

Carvalho, Joaquim de. “Instituições de Cultura (Séculos XIV-XVI), in *HISTÓRIA DE PORTUGAL*, Vol. IV, Barcelos: Portucalense Editora, 1932.

Carvalho, Joaquim de. “A corrente regeneradora (Século XIX), in *História de Portugal*, Vol. VII, Barcelos: Portucalense Editora, 1935.

6. ESCRITOS SOBRE O PENSAMENTO POLÍTICO:

Carvalho, Joaquim de. “Liberalismo e Democracia ou glosa de um juízo de Herculano”, publicado no *JORNAL LIBERAL DE LISBOA*, domingo 16 de junho, 1933.

Carvalho, Joaquim de. “Com a razão nas mãos”, publicado no *JORNAL LIBERAL DE LISBOA*, Quarta-feira 30 de agosto, 1933.

Carvalho, Joaquim de. “Sobre a ideia de Estado Total: noção de partido político”, publicado no JORNAL LIBERAL DE LISBOA, Quarta-feira 31 de maio, 1933.

Carvalho, Joaquim de. “Sobre a ideia de Estado Total: digressão sobre a alma burguesa”, publicado no JORNAL LIBERAL DE LISBOA, Segunda-feira 5 de junho, 1933.

Carvalho, Joaquim de. “Sobre a ideia de Estado Total: o senhorio do tempo e a civilização”, publicado no JORNAL LIBERAL DE LISBOA, Domingo 11 de junho, 1933.

Carvalho, Joaquim de. “Reflexão sobre a Universidade”, publicado no JORNAL LIBERAL DE LISBOA, Quarta-feira 8 de novembro, 1933.

Carvalho, Joaquim de. “Esboço de uma História da Educação”, in APONTAMENTOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, s.l.: s.n., s.d..

7. ESCRITOS SOBRE A UNIVERSIDADE DE COIMBRA:

Carvalho, Joaquim de. A MINHA RESPOSTA AO ÚLTIMO CONSIDERADO AO DECRETO QUE DESANEXO A FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, Coimbra: Tipografia França Amado, 1919.

Carvalho, Joaquim de. “Notícia Preliminar”, in Francisco Leitão Ferreira, ALPHABETO DOS LENTES DA INSIGNE UNIVERSIDADE DE COIMBRA DESDE 1537 EM DIANTE, Coimbra: Universitatis Conimbrigenis Studia ac Regesta, 1937.

Carvalho, Joaquim de. “Notícia Preliminar”, in Francisco Carneiro de Figueiroa, MEMÓRIAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, Coimbra: Universitatis Conimbrigenis Studia ac Regesta, 1937.

Carvalho, Joaquim de. “Aditamentos e notas”, in Francisco Leitão Ferreira, NOTÍCIA CHRONOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, Coimbra: Universitatis Conimbrigenis Studia ac Regesta, 1937; 1938; 1940; 1944; 1956.

Carvalho, Joaquim de. “Prefácio”, in Abel Lopes de Almeida e Sousa, *CATÁLOGO DE MANUSCRITOS (CÓDICOS 2205 A 2309). APOSTILAS DE FILOSOFIA. I. LÓGICA*, Coimbra: Publicações da Biblioteca Geral da Universidade, 1942.

8. ENSAIO E FRAGMENTOS FILOSÓFICOS:

Carvalho, Joaquim de. “Um manuscrito de Manuel de Faria Severim?”, in *BOLETIM DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA*, Vol. VI, 1921.

Carvalho, Joaquim de. “Advertência”, in Vergílio Correia, *Um túmulo renascença. A sepultura de D. Luís da Silveira em Góis*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.

Carvalho, Joaquim de. “Cartas de José da Cunha Brochado ao Conde de Viana, D. José de Meneses”, in *O INSTITUTO*, Vol. 69, 1922.

Carvalho, Joaquim de. “Notícia bibliográfica”, in *DISCOURS PATHÉTIQUE AU SUJET DES CALAMITÉS PRÉSENTES ARRIVÉES*

EN PORTUGAL PAR LE CHEVALIER D’OLIVEIRA, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922.

Carvalho, Joaquim de. “Advertência”, in J. F. Henriques Nogueira, *ESTUDO SOBRE A REFORMA EM PORTUGAL*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1923.

Carvalho, Joaquim de. “Prefação”, in *MANIFESTO DO REINO DE PORTUGAL. NO QUAL SE DECLARA O DIREITO, CAUSAS E O MODO QUE TEVE PARA EXIMIR-SE DA OBEDIÊNCIA DO REI DE CASTELA E TOMAR A VOZ DE D. JOÃO IV*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924.

Carvalho, Joaquim de. “Nota” in Mariano Alcocer e Saturnino Rivera, *HISTORIA DE LA UNIVERSIDAD DE VALLADOLID. BIO-BIBLIOGRAFIAS DE JURISTAS NOTABLES*, Valladolid: Imprensa de la Casa Social Católica, 1925.

Carvalho, Joaquim de. “Discurso do secretário geral da comissão executiva do congresso, Prof. Joaquim de Carvalho”, in *O Instituto*, Vol. 72, 1925.

Carvalho, Joaquim de. “Fr. Heitor Pinto e Fr. Luís de León”, in Aubrey F. G. Bell, *Luis de Leon. A study of the spanish renaissance*, Oxford: Clarendon Press, 1925.

Carvalho, Joaquim de. “Alguns trabalhos da Prof. Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos”, in O INSTITUTO, Vol. 73, 1926.

Carvalho, Joaquim de. “Espinosa perante a consciência portuguesa contemporânea”, in CHRONICON SPINOZANUM, Vol. V, 1927.

Carvalho, Joaquim de. “Um pedagogo do século XVIII. Martinho de Mendonça”, in ARQUIVO PEDAGÓGICO, Vol. I, 1927.

Carvalho, Joaquim de. “Goesiana. Subsídio para o estudo das relações da Damião de Góis com Pierre Nannink e Oláh Miklos”, in O INSTITUTO, Vol. 75, 1928.

Carvalho, Joaquim de. “Pedro A. de Azevedo”, in O INSTITUTO, Vol. 75, 1928.

Carvalho, Joaquim de. “Dr. Alves dos Santos”, in ALMANAQUE DE PONTE LIMA, 1933.

Carvalho, Joaquim de. “Pombal, ou a contradição na política”, in DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1933.

Carvalho, Joaquim de. “Prefação”, in João Colerus, VIDA DE BENTO DE ESPINOSA. EM FORMA BREVE, MAS VERDADEIRA, SEGUNDO DOCUMENTOS AUTÊNTICOS E TESTEMUNHO ORAL DE PESSOAS AINDA EM VIDA, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1934.

Carvalho, Joaquim de. “A Conquista do direito (a propósito da «conquista do direito na sociedade romana» do Dr. Artur Montenegro, Coimbra), in O DIABO, 1934.

Carvalho, Joaquim de. OS MEUS «ELEMENTOS DE HISTÓRIA DE PORTUGAL» E A CRÍTICA, POR ALFREDO PIMENTA, Lisboa: s.n., 1935.

Carvalho, Joaquim de. “Discurso de recepção na Academia das Ciências do académico Henrique de Vilhena”, in BOLETIM DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, Vol. IX, 1937.

Carvalho, Joaquim de. “Rui de Azevedo, historiador. Breves palavras”, in ÁLBUM FIGUEIRENSE, 1939.

Carvalho, Joaquim de. “Carta-prefácio”, in Manuel Ramos de Oliveira, CELORICO DA BEIRA E O SEU CONCELHO, Celorico da Beira, s.n., 1939.

Carvalho, Joaquim de. “Um discípulo de Descartes ao serviço da restauração. João Gillot”, in *REVISTA DE GUIMARÃES*, 1940.

Carvalho, Joaquim de. “A escola capitular de Guimarães e a legacia do Cardeal João de Abavila”, in *REVISTA DE GUIMARÃES*, 1945.

Carvalho, Joaquim de. “Discurso”, in *Memoriam da Reabertura do Museu Municipal Dr. Santos Rocha. 1945*, 1947.

Carvalho, Joaquim de. “Prefácio”, in *Wilhelm Dilthey, LEIBNIZ E A SUA ÉPOCA*, Coimbra: Arménio Amado, 1947.

Carvalho, Joaquim de. “No centenário de Anselmo Braamcamp Freire. Reflexão breve de um seu editor”, in *CORREIO DO RIBATEJO*, 1949.

Carvalho, Joaquim de. “Explicação prévia”, in *António dos Santos Rocha, MEMÓRIAS E EXPLORAÇÕES ARQUEOLÓGICAS. ANTIGUIDADES PRÉ-HISTÓRICAS DO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1949.

Carvalho, Joaquim de. “Prefácio”, in MANUSCRITOS DE FILOSOFIA DO SÉCULO XVI EXISTENTES EM LISBOA. CATÁLOGO, Coimbra. Biblioteca da Universidade, 1951.

Carvalho, Joaquim de. “Uma obra insólita de Pedro Nunes: Defesa do tratado da rumação do globo para a arte de navegar”, in MARGINÁLIA, 1951.

Carvalho, Joaquim de. “Pedro da Fonseca precursor de Suárez na renovação da Metafísica”, in REVISTA FILOSÓFICA, 1951.

Carvalho, Joaquim de. “Cruz Costa, Augusto Comte e as origens do positivismo”, in REVISTA FILOSÓFICA, Vol. V, 1951.

Carvalho, Joaquim de. “Conclusiones de Metaphysica sustentadas no Colégio franciscano do Recife”, in MARGINÁLIA, 1952.

Carvalho, Joaquim de. “Duas cartas inéditas de Miguel de Unamuno”, in MARGINÁLIA, 1952.

Carvalho, Joaquim de. “Prefácio”, in António dos Santos Rocha, MATERIAIS PARA A HISTÓRIA DA FIGUEIRA DA FOZ NOS SÉCS. 17 E 18, Figueira da Foz: s.n., 1954.

Carvalho, Joaquim de. “Duas cartas de D’Alembert e de Euler (pai) dirigidas a Ribeiro Sanches (do epistolário inédito de Ribeiro Sanches)”, in *REVISTA FILOSÓFICA*, 1955.

Carvalho, Joaquim de. “Carta inédita de Eduardo Von Hartmann a Joaquim de Vasconcelos”, in *MARGINÁLIA*, 1955.

Carvalho, Joaquim de. “Excerpta bibliográfica ex bibliotheca columbina”, in *ARQUIVO DE HISTÓRIA E BIBLIOGRAFIA (1923-1926)*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1976.

Carvalho, Joaquim de. *CARTAS A JOÃO DE BARROS*, Lisboa: Edição Livro do Brasil, s.d..

Carvalho, Joaquim de. *MEMÓRIAS DUM FERRO-VELHO*, Lisboa: Portugália Editora, s.d..

Como vimos, a produção bibliográfica de Carvalho é extensa e variada. Contudo, o seu perfil de historiador da cultura e filósofo pesaram sobremaneira ao longo de toda a sua obra, a qual iremos sujeitar a uma apreciação crítica que pretende contribuir para os debates hodiernos sobre o pensamento e a obra deste professor de Coimbra¹⁴.

APRECIÇÃO CRÍTICA

Na primeira metade do século XX, a história da Filosofia caracterizou-se pela presença, quase simultânea, de grandes homens eruditos que, com os seus trabalhos, deixaram uma marca decisiva na maneira de praticar a disciplina. Embora seja possível que alguns rastos significativos desta disciplina possam ser encontrados, pelo menos desde Aristóteles até aos grandes textos de Johann Jacob Brucker (1696-1770) e Joseph-Marie

¹⁴ Todos os textos citados nesta bibliografia encontram-se hoje na OBRA COMPLETA de Joaquim de Carvalho, publicada pela primeira vez pela Fundação Calouste Gulbenkian desde 1978.

de Gérando (1772-1842)¹⁵, foi só a partir do século XIX que a História da Filosofia viu os seus ‘problemas existenciais’ resolvidos, chegando logo depois a produzir resultados importantes que marcaram definitivamente o seu destino. De modo particular, é com a INTRODUÇÃO ÀS LIÇÕES DE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, de Hegel (1770-1831), que a “História da Filosofia se constituiu como disciplina própria e científica”¹⁶; antes deste “genial filósofo”¹⁷, a possibilidade de pensar ou cultivar esta disciplina independentemente de quaisquer outros fins não existia.

15 Jacob Brucker, *HISTORIA CRITICA PHILOSOPHIAE A MUNDI INCUNABILIS AD NOSTRAM USQUE AETATEM DEDUCTA*, Tomo I (Lipsiae, Bernhard Christoph Breitkopf, 1742); Id., *HISTORIA CRITICA PHILOSOPHIAE A MUNDI INCUNABILIS AD NOSTRAM USQUE AETATEM DEDUCTA*, Tomo II (Lipsiae, Bernhard Christoph Breitkopf, 1742); Id., *HISTORIA CRITICA PHILOSOPHIAE A MUNDI INCUNABILIS AD NOSTRAM USQUE AETATEM DEDUCTA*, Tomo III (Lipsiae, Bernhard Christoph Breitkopf, 1743); Id., *HISTORIA CRITICA PHILOSOPHIAE A MUNDI INCUNABILIS AD NOSTRAM USQUE AETATEM DEDUCTA*, Tomo IV (Lipsiae, Bernhard Christoph Breitkopf, 1743); Id., *HISTORIA CRITICA PHILOSOPHIAE A MUNDI INCUNABILIS AD NOSTRAM USQUE AETATEM DEDUCTA*, Tomo V (Lipsiae, Bernhard Christoph Breitkopf, 1744). Cf. também Joseph-Marie de Gérando, *HISTOIRE COMPARÉE DES SYSTÈMES DE PHILOSOPHIE RELATIVEMENT AUX PRINCIPES DES CONNAISSANCES HUMAINES* quatro volumes, (Firenze: Nabu Press, 2010), primeira edição de 1804.

16 Joaquim de Carvalho; “Hegel e o conceito de História da Filosofia”, in: Joaquim de Carvalho. *OBRA COMPLETA. FILOSOFIA E HISTÓRIA DA FILOSOFIA. 1939-1955*, Vol. II (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978), 457.

17 *IBIDEM*, *Ibid.*

As razões fundamentais deste aparecimento tardio da História da Filosofia como disciplina reconhecidamente autónoma são, segundo Carvalho, devidas ao aparecimento tardio do seu próprio objeto:

“O aparecimento tardio tem fundamento no facto do objecto da História da Filosofia não ser imediatamente dado, como os seres e os aconteceres da Natureza, mas, ideado, como é próprio das funções e dos produtos da Cultura.”¹⁸

As épocas antecedentes a este aparecimento são chamadas, por Carvalho, épocas da “proto-história da História da Filosofia”¹⁹. Este período preparatório estende-se da Idade Média até o século XVIII e funda-se no pressuposto a-histórico que afirma a existência

18 *IBIDEM*, *ibid.* Pode encontrar-se aqui uma distinção fundamental que provavelmente nasceu na discussão dos métodos marxistas da história, ou seja, a distinção entre os ‘factos materiais’ e os ‘factos espirituais’. Esta distinção comporta para um historiador, em primeiro lugar, um diferente método de investigação, i.e., uma diferente abordagem ao objeto histórico; Cf., por exemplo, José António Saraiva. *A CULTURA EM PORTUGAL, TEORIA E HISTÓRIA I* (Lisboa: Grávida, 1994), 5-8.

19 Carvalho, “Hegel”, 459.

de verdades filosóficas eternas, atópicas e acrónicas. O único pressuposto verdadeiramente histórico neste horizonte epistemológico – ou seja, “o requisito mínimo da história que pretende ser filosófica”²⁰ – é ligado à existência de textos sobre os quais o filósofo-historiador procura, assente e discorre. Os textos comentados e glosados formam, nesta altura, o único ponto de contacto promotor de uma conexão entre o pensamento e o tempo, i.e., Filosofia e História. Foi então que, no final da modernidade, se abriram dois caminhos historiográficos distintos: um ‘racionalista’, outro ‘eclético’. O primeiro – século XVII até a primeira metade do século XVIII – sustentava “uma concepção da história filosófica como história das seitas, dos erros e dos delírios humanos”²¹. A partir da segunda metade do século XVIII, alternativamente, emergiu outra via – naturalmente derivada da primeira –, chamada de eclética. Aqui:

20 *IBIDEM*, *ibid.*

21 *IBID.*, p. 461.

“O passado histórico-filosófico deixa de ser apresentado valorativamente, como teatro da luta de uma verdade absoluta com a multiplicidade dos erros, e em vez desta concepção anti-histórica, surgem os lineamentos da concepção histórica, larga, neutral, tolerante.”²²

A expressão portuguesa destas duas correntes historiográficas modernas encontra-se representada, no caso da primeira, pelos Estatutos da Universidade de Coimbra (1772), escritos pelo ‘déspota ilustrado’ Pombal; a segunda, diferentemente, é expressa pela obra de Luís António Verney (1713-1792)²³. No entanto, ambas as soluções historiográficas não chegaram a ter aquela capacidade de “reconstituição” propriamente histórica ou, para melhor dizer, não conseguiram unir – como, aliás, passaram alguns anos fizeram Hegel e os seus ‘discípulos’ – a História e a Filosofia.

Esta união não é um artifício; ao invés, é o reconhecimento de um ligame natural e de interdependência entre o pensamento e a História.

22 *Ib.*, p. 462.

23 Cf. Joaquim de Carvalho. “Evolução da Historiografia Filosófica em Portugal até fins do séc. XIX”, in: Carvalho. *OBRA COMPLETA*, 121-153.

Neste reconhecimento, segundo Carvalho, apoia-se um dos rasgos geniais de Hegel, isto é, “ter mostrado a constituição histórica do pensamento”²⁴. A Filosofia não deixa aqui de ser a ciência objetiva da verdade com o seu carácter universal, ou seja, não deixa de ter a sua relação constitutiva com a totalidade do mundo humano. Ao mesmo tempo, também a História e os acontecimentos históricos, adquirem sentido somente “quando considerados à luz da ideia para que tendem e de que são explicitação”²⁵. O casamento entre História e Filosofia fica, assim, definitivamente consagrado na filosofia hegeliana.

De facto, o reconhecimento mútuo entre a História e a Filosofia permitiu, nos decénios seguintes, a grande florescência de textos de História da Filosofia que hoje são considerados clássicos e ponto de partida para qualquer empreendimento nos estudos histórico-filosóficos. Os grandes autores da história da filosofia depois de Hegel têm, entre muitas virtudes, aquela de não ficarem presos no sistematismo hegeliano. Como disse Carvalho:

24 Carvalho, “Hegel”, 466.

25 *IBID.*, 461.

“O pensamento de um e de outro recolheu o que de fecundo jazia na concepção hegeliana, sem cair no sistematismo apriorístico, na mera erudição e na curiosidade dispersiva das opiniões, que são os pecados mortais do historiador da Filosofia.”²⁶

Cada um destes grandes historiadores, que partiram do sistema hegeliano, ensinou “exemplarmente que uma História da Filosofia que tivesse exclusivamente por objecto os puros conceitos, seria VAZIA (...) como seria CEGA a que somente narrasse as circunstâncias externas em que se dão os conceitos.”²⁷

Joaquim de Carvalho (1892-1958) – o insigne professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), um dos principais promotores do Instituto de Filosofia da mesma Faculdade, e iniciador da ‘História da Filosofia em Portugal’,

26 *IBID.*, 472.

27 *IBIDEM*, *ibid.*

entre outros méritos – entra no rol destes grandes pensadores europeus como um dos maiores historiadores da filosofia do século XX. O seu trabalho pode descrever-se como um trabalho cosmopolita que encontra, num território específico (Portugal) e num âmbito particular (a História da Filosofia, juntamente com a História da Cultura e à História da Ciência), o seu principal interesse.

Mas como pode conciliar-se este interesse específico e particular com os valores cosmopolitas? Como conciliar a particularidade de uma investigação histórica sobre as correntes e os autores portugueses com o universalismo intrínseco ao pensamento filosófico?

Sem chegar tão longe, podem aqui recordar-se dois casos metodológicos: o primeiro é o de Aristóteles que, no primeiro livro da FÍSICA, aconselhava a partir do particular – entendido como ‘as coisas mais próximas à volta do nosso quotidiano’ –, para então, sucessivamente, abstrair, de modo a chegar ao universal, i.e., aos princípios generalíssimos do mundo natural²⁸. Outro exemplo é o de Antero

28 Aristóteles, FÍSICA, 184a-185a.

de Quental. O grande poeta e filósofo português – relativamente ao qual Carvalho mantinha uma muito elevada opinião – definiu a filosofia como:

“A equação do pensamento e da realidade, numa dada fase do desenvolvimento daquele e num dado período do conhecimento desta: o equilíbrio momentâneo entre a reflexão e a experiência: a adaptação possível em cada momento histórico (da história da ciência e do pensamento) dos factos conhecidos às ideias directoras da razão, e a definição correlativa dessas ideias, não por esses factos, mas em vista deles.”²⁹

Portanto, no caso de Aristóteles trata-se de um movimento ‘ascendente’, que se justifica por uma exigência pratico-metodológica física: partir das coisas à nossa volta para chegar aos princípios universais que estão por detrás delas. No caso de Antero, ao invés, trata-se de uma “equação”, de um “equilíbrio” e de uma “adaptação” entre

29 Antero de Quental, TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Organização, apresentação e notas de Leonel Ribeiro dos Santos (Lisboa: Editorial Comunicação, 1989), 38.

o universal e o particular. No caso de Carvalho trata-se de pensar – em pleno espírito hegeliano – que o universal se manifesta, em primeiro lugar, através de figuras particulares como é o caso de uma Filosofia nacional. Carvalho acreditava “que a índole e o teor da filosofia são supranacionais, ou melhor, anacionais”, mas, ao mesmo tempo, que tal deverá ser mediado, segundo disse o próprio, “pela explicação metafísica da realidade que se vive”, de modo a achar “problemas e filosofemas mais ou menos correlacionados com a nossa idiosincrasia”³⁰.

Os numerosíssimos contributos de Carvalho para a Filosofia e a História da Filosofia afirmam, como temos vindo a dizer, o carácter universal da filosofia; mas este carácter essencial da filosofia exprime-se, em primeiro lugar, nas formas particulares da realidade em que se vive.

Os contributos de Carvalho têm, por isso, um duplice mérito: o primeiro é o de ter criado uma ligação forte entre os grandes fenómenos

30 Joaquim de Carvalho; “Elementos constitutivos da consciência saudosa”, in: Joaquim de Carvalho. *OBRA COMPLETA. HISTÓRIA E CRÍTICA LITERÁRIAS. HISTÓRIA DA CIÊNCIA. 1925-1975*, Vol. V, 114-15.

filosófico-culturais da Europa e os ambientes e autores portugueses. Assim, por exemplo, encontramos autores como Nicoletto Vernia, Descartes, Galileu, ou Leibniz relacionados, pela primeira vez, com a cultura filosófica portuguesa *tout court*³¹. Ao mesmo tempo, a este primeiro movimento de ligação forte com o centro da filosofia europeia, correspondem uma série de contributos importantíssimos que, ao contrário, devolvem pela primeira vez autores portugueses como, por exemplo, António de Gouveia, Leão Hebreu e Francisco Sanches aos historiadores da Filosofia de toda a Europa, alargando assim os horizontes – sempre limitados – da História da Filosofia Ocidental.

Neste sentido, o facto de Carvalho ter inaugurado, em 1937, uma nova cadeira intitulada ‘História da Filosofia em Portugal (HFP)’ – ou, para dizer melhor, o facto de ele ter atribuído este nome à referida área de estudos – é um facto irrelevante por si mesmo; mais importante é lembrar os valores inevitavelmente cosmopolitas e supranacionais que estão por trás desta escolha. Através desta área de estudo, o que é reiterado – valendo a pena reiterá-lo

31 Cf. a secção bibliográfica deste documento.

também aqui – é exatamente o seguinte: uma História da Filosofia que não considerasse as expressões nacionais da filosofia seria vazia, como uma História da Filosofia nacional que não assumisse o carácter universal do seu objeto – o pensamento – seria, de facto, cega.

Por fim, de acordo com as palavras de Carvalho, o que importa é o que quer que se faça sob qualquer sigla “SE FAÇA PELA ÚNICA FORMA SÉRIA SEGUNDO A QUAL AS COISAS SE DEVEM FAZER, QUE É FAZÊ-LAS BEM FEITAS”³².

32 Joaquim de Carvalho. “Manuscritos de Filosofia do Século XVI existentes em Lisboa. Catálogo. Prefácio”, in: Joaquim de Carvalho. *OBRA COMPLETA. ENSAIOS E FRAGMENTOS FILOSÓFICOS E BIBLIOGRÁFICOS*, Vol. VIII (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978), 239.